

14 JUL 1990

O GLOBO

# Aliança imbatível

JOÃO PESSOA DE ALBUQUERQUE

**E**mbora filosoficamente contra, conjuntamente não posso deixar de reconhecer que é chegada a hora e a vez de eliminarmos a escola particular da vida educacional brasileira.

É praticamente impossível barrarmos a fulminante ofensiva da coligação Governo-Família-Professores, hoje fortemente consolidada, na consecução de seu objetivo maior que é — dolosa ou involuntariamente — a morte provocada da escola particular em nosso país.

Considero essa "tríplice aliança" imbatível. E, por isso mesmo, inevitável o "escolaricídio" que se prenuncia.

Face ao seu evidente poderio e a excepcional cobertura de imprensa com que conta essa aliança, sua adversária — a escola particular — não passa, hoje, de um piffo exército de Brancaneone...

É uma guerra inglória. Estou convicto que é inútil travá-la.

A tese — que me parece de lógica irrefutável — é a seguinte: a rede particular só será viável quando a rede pública sair do estado de destruição a que foi levada pela criminosa inércia do poder público.

Quando ela se tornar decente, a classe média arcorrerá em massa para ela, ficando, no colégio privado, apenas quem pode pagá-lo. E ele, para ser bom, tem de ser, sim, imperativamente caro.

Acontece, entretanto, que essa recuperação da escola pública só será possível após muitos e muitos anos, tempo suficiente para a escola particular — mercê daquela ofensiva — ser sucateada.

Agora, vejamos o que, curiosamente, poderia ocorrer após a morte da escola particular. Morta ela, os Governos, forçosamente, para escapar do caos que se sucederia e do formidável grupo de pressão representado pela classe média, teriam de acelerar, a toda velocidade, a recuperação da escola pública.

Morta a escola particular, todas as baterias — hoje voltadas só contra ela — se voltariam contra o Governo, desfazendo-se, então, a "tríplice aliança". Família e professores, não tendo mais o inimigo comum de hoje, se aliariam com chibata e passeata contra o Governo, que então, seria eleito, por merecimento, o grande vilão, papel atualmente desempenhado apenas pelo proprietário de escola. Aliás, diga-se de passagem, que o Governo tem todo o interesse em manter a escola privada na berlinda, pois assim ele desvia a atenção do descumprimento de seu dever básico que é oferecer educação decente para toda a sociedade.

E, aí, um dia, com escola pública, boa e gratuita, disponível para a classe média, refluísceria a escola particular, disponível para quem pode pagar o que ela vale.

Fechar a escola privada já como poderoso fator de pressão para o renascimento da escola pública é o que se impõe. E renascida esta, também renascera, por via de consequência, a livre iniciativa no ensino, forte e não contestada, e ambas convivendo, harmoniosamente, como em saudosos passado não recente.

O empresário escolar, por conseguinte, se tiver juízo, tem de se desfazer de seu colégio imediatamente para não ter, em pouco tempo, de vendê-lo como sucata.

Há 16 anos exerceo a vice-presidência de uma instituição educacional da qual não sou dono: o tradicional Colégio Anglo-Americano que, em 1989, conseguiu completar 70 anos de existência. Fosse eu o seu proprietário e, desde o Plano Cruzado, já teria redigido seu epitáfio.

Há muito venho tentando convencer seu dinâmico mantenedor, o professor Ney Suassuna, a celebrar comigo o necrológio do colégio.

Até agora, minha luta tem sido em vão.

O professor Ney resiste com dois argumentos: primeiro, não quer que morra, pelas suas mãos, um dos mais tradicionais colégios brasileiros; segundo, não encontraria comprador.

Contesto os dois argumentos de ponta a ponta.

Quanto ao primeiro, contraponho-o com a seguinte ponderação: mil vezes que o Anglo-Americano morra "pelas" mãos do professor Ney Suassuna, do que "nas" suas mãos; mil vezes morrer enquanto lhe resta utilidade do que morrer falido e execrado. Afinal, é preciso também saber morrer com dignidade. Viver a qualquer custo não é, definitivamente, uma postura pragmática: é muito mais uma postura romântica. E ser romântico na vida empresarial pode custar um preço altíssimo.

E o que se poderia bem denominar de teimosia cara. Caríssima!

Quanto ao segundo argumento — não haver compradores — provarei, abaixo, que ele é, totalmente, improcedente.

Em primeiro lugar, há, na praça, com sabido respaldo financeiro, um comprador em potencial que é a Fundação Bradesco. Ela existe para manter — e mantém — uma numerosa rede de educandários em todo o País. Recentemente comprou, inclusive aqui no Rio, o tradicional e respeitado Instituto Laffayette, comprado, aliás, quando já estava acabado, morto e

fechado. A fundação, na verdade, comprou um defunto e o ressuscitou. E o que tenho dito ao professor Ney Suassuna: não venda um defunto, venda, enquanto é tempo, um ser vivo.

Além da fundação, poder-se-ia tentar, por exemplo, uma multinacional do porte de uma Coca-Cola ou de uma Pepsi-Cola, uma vez que elas vendem um produto eminentemente juvenil. Talvez, por isso mesmo, lhes interessasse adquirir um colégio famoso para dele fazer seu grande centro nacional de marketing.

Em ambas as hipóteses, tanto a fundação como a Cola e a Pepsi podem, nesse empreendimento, perder dinheiro, pois seu objetivo, aí, seria promocional. E não vivendo elas do ensino, este poderia ser posto à disposição das famílias por preço baixo.

Mas, há mais duas opções para nos desfazermos do Anglo-Americano: nos associarmos a uma grande incorporadora, ceder-lhe nossa grande área própria, onde funciona o nosso colégio da Av. das Américas e, aí, erigir-se uma incorporação milionária, auferindo-se resultados infinitamente superiores ao da atividade escolar e com uma vantagem adicional: não seriam tratados como ladrões.

E, finalmente, a última opção: vender o colégio para os próprios pais que se organizariam em uma forte cooperativa que, por sua vez, contrataria um deles para gerir a escola. Quem sabe essa cooperativa saberia contornar a equação proposta pelas famílias: baixas mensalidades para elas e altos salários para os professores.

Como se vê, há, pelo menos no caso específico do Anglo-Americano, muitas saídas para, honrosa e lucrativamente, acabar-se com ele antes que a "tríplice aliança" o faça.

Insistir na luta contra essa "regência trina" é insistir num embate literalmente quixotesco.

O dono de escola que, por ofício, deve ser pragmático, paradoxalmente, porta-se, hoje, como um visionário Dom Quixote, fadado a ser, em breve, uma réplica daquela solitária e ridícula figura de Cervantes por insistir na burra teima de não passar adiante o que, amanhã, pode ser apenas um inegociável passivo trabalhista.

João Pessoa de Albuquerque é Vice-Presidente do Colégio Anglo-Americano e membro do Conselho Empresarial de Educação da Associação Comercial do Rio de Janeiro.